

25-03-2021

PEDAGOGIA DO SUPRIMIDO

Fagner Luiz Lemes Rojas

[Mestre em Educação. Doutor em Saúde Coletiva.
Professor Adjunto da FACIS (UNEMAT- Diamantino)]

Em qualquer processo de escrita é necessário realizar uma busca sistemática de textos para que as ideias afluam e se abram as janelas do pensamento criativo. Subsidiar e fundamentar um manuscrito requer rigor e ética, e, dado ao que se apresentará, exige escolher argumentos relevantes para suprimir os juízos de valor na tentativa de afastar este texto do senso comum.

Funciona assim: todos nós achamos algo de alguma coisa, mas, é verossímil que nos encanta perceber a capacidade que alguns autores (as) têm de sustentar um achado e articulá-lo com ideias convincentes na construção de uma trama que nos surpreenda.

Pois bem! Cá estou me desafiando a essa façanha de apresentar uma análise das Diretrizes Curriculares Nacionais - Cursos da Graduação (DCN's) que propõem a interlocução com Paulo Freire. Esse exercício estabelece uma relação ética com a sua obra, e não porque ela seja complexa, mas pela capacidade de reagir com palavras coerentes ao que Freire se dispôs a questionar: a concepção bancária da educação que é depositária e conteudista e a formação acrítica que não estabelece relação com a realidade do educando. No Brasil conhecemos os feitos do homem e a obra do pernambucano Paulo Freire, mas para o contexto é necessário destacar ao leitor alguns achados historiográficos sobre Abraham Flexner, um educador estadunidense e estudioso da educação médica e elaborador do Relatório Flexner em 1910. Flexner teve a sua ideia fortemente difundida no mundo e encontramos os reflexos delas implicadas nas DCN's, que são um documento técnico do Ministério da Educação (ME) que tem por objetivo subsidiar na construção dos Projetos Pedagógicos de Curso e definir os perfis formativos e profissionais. Os moldes flexnerianos adotam por princípio pedagógico a teoria descolada da prática e privilegia um itinerário formativo desenhado. Se comparado com a proposta pedagógica freireana, evidentemente produzirá dissonância, tendo em vista que, para Freire, o processo de teorizar se dava a partir das práticas do cotidiano da vida em que a educação era assumida como um movimento de ação política do sujeito no mundo.

Embora a flexneriana e a freireana sejam propostas pedagógicas, não se pode esquecer que a formação também é conduzida pelo currículo oculto através do que não está explicitamente escrito, mas se perpetua no campo ideológico pelas entrelinhas de um viés invisível e sorrateiro. O aparelho de Estado - ME, ao desenhar o perfil profissional, competências, habilidades e conteúdos curriculares se instrumentaliza através das DCN's para garantir a unicidade dos currículos principalmente pelas universidades, visto que elas não estão imunes e nem são neutras.

O roteiro de um itinerário formativo indica para onde se deve ir de forma a atender ao perfil de formação, mas não diz como deve ocorrer a formação, e talvez não deva dizer, porque se dissesse interferiria na relação entre a escola com o aluno e ocasionaria um

distanciamento ainda mais acentuado na relação do educando com a própria aprendizagem.

Seria um desencontro! As DCN's são, sem dúvida, essenciais para o estabelecimento de um padrão curricular mínimo, mas, de longe, elas são capazes de fazer o devido enfrentamento estratégico e direcionar o educando para a aprendizagem significativa em que o ato aprender a aprender considere o cotidiano da vida, a interlocução com a sociedade, a libertação das vozes oprimidas e do trabalho alienante. Isso ocorre porque as DCN's são incipientes à história e a cultura da profissão para além do mundo do trabalho. Onde está a concepção educativo-política, crítica e emancipatória na formação brasileira?

Onde estão os currículos que têm propostas formativas que dialogam com o campo social e político?

A historiografia durante a formação deveria ser o subsídio e instrumento de ato pedagógico para trazer à tona os movimentos e as mudanças ocorridos na sociedade ao longo das décadas. As formações sem a compreensão do seu contexto histórico se esvaziam e vão se reduzindo a labor, e ao profissional é relegado ao status de assujeitado histórico. Os textos, apostilados e muito recortados não assumem a perpetuação da consciência histórica das profissões que se preserva através das memórias das literaturas clássicas. Os textos resumidos avocam para o ato de ensinar e aprender uma funcionalidade profissional que Freire (2013:79) já apontava como um desgaste histórico no âmbito da formação “[...] conteúdos que são retalhados da realidade, desconectados da totalidade [...]”. Por outro lado, as competências e habilidades, são elementos importantes a serem descritos na construção do itinerário formativo, mas a missão da escola deve obrigatoriamente, firmar vínculos com o sujeito que é trabalhador histórico, político e social.

Sem essa observância, a voz do trabalhador se transforma em “[...] palavra oca, em verbosidade alienada e alienante” (Freire, 2013:80). A formação sem concepção política reduz os temas socialmente relevantes à condição de assunto. Por isso, é necessário que o educando construa os seus saberes relacionando-os com o cotidiano da própria vida, para que nela assuma a condição de protagonista e não apenas de espectador ou de coadjuvante.

Sem superar a condição de educando passivo e do educador que não instiga a crítica, a educação estabelece uma conexão difusa com a realidade do sujeito.

Desse modo, o processo de aprendizagem vai se tornando uma via de mão única: educador-educando, escola-formação, aprender-fazer. E então esse educando que deveria protagonizar ações no mundo, não é capaz de se deslocar para além ‘do fazer’ aprendido nas competências e habilidades profissionais. Considerando tudo isso, para onde apontam as DCN's? O objetivo é induzir o formato dos enfermeiros, nutricionistas e médicos que são

continua

qualificados e, talvez, capazes de atuar apenas em situações previstas, parametrizadas, controladas, monitoradas, e pouco audazes de perceber o por trás da condição de desnutrição (a miséria), a bala perdida (a violência urbana e liberação de armas), fraturas e hematomas (a violência doméstica), doenças respiratórias (a flexibilização das leis de proteção ambiental), e das várias outras situações reduzidas ao binômio saúde-doença. O que temos de urgente nessa agenda é conseguir superar o que Freire (2016:38) nos advertiu bem anteriormente quando destacou: *“a educação não pode ser somente técnica, porque a educação tem como característica uma outra qualidade, que eu chamo de politicidade. A politicidade da educação é a qualidade que a educação tem de ser política. Em um princípio relacionado com esta qualidade é a educação que nunca foi e nunca será neutra”*.

Herdamos a necessidade de fazer uma revolução para produzirmos e/ou superarmos um paradigma.

Para aprofundar na discussão, seguem algumas indicações de obras importantes do Freire: *Pedagogia da Autonomia; Pedagogia da Esperança; À Sombra desta Mangueira*. ■ ■ ■

Referências

- Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 54 ed. SP: Paz e Terra, 2013.
- Freire, Paulo. *Pedagogia da Solidariedade*. 2 ed. SP: Paz e Terra, 2016.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.